



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 702

# AVENTURAS DO DETECTIVE PANTALEÃO DA SILVA LEÃO

Por TAVARES PINTO

**Q**UANDO a recompensa do peixe e das batatas, oferecida pelo rei de Naonão, estava a acabar, e a começarem, portanto, as ralações pelo seu futuro, eis que o grande detective recebe outro telegrama concebido nestes termos:

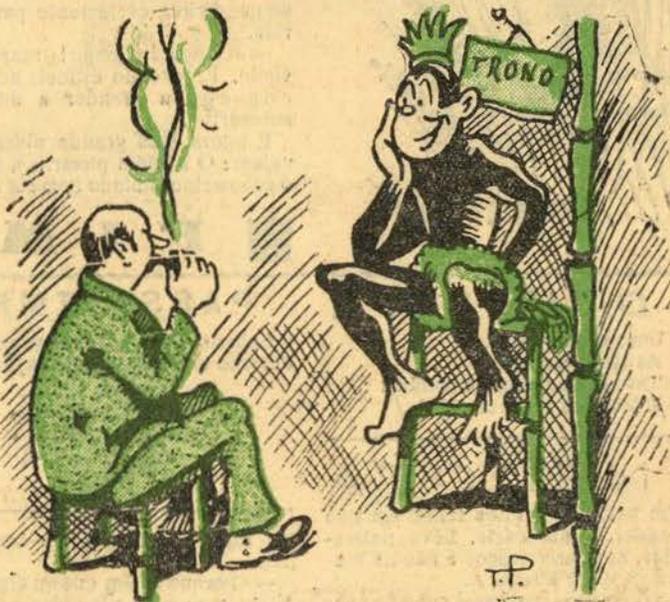
*Bandidos caçadores leões estar matar ditos leões territórios proibidos — pedir «siô» Pantaleão obsequio dar-lhes caça.*

MALUKO III  
Soba de Katinga

Como não havia carreira de eléctricos para Katingá, que fica situada na África (vejam o mapa) o nosso herói dirige-se para lá num avião alugado e, depois duma viagem feliz, aterra, ante o pasmo dos pobres negros que ficam ainda mais prontos de medo, ao verem aquele «deus dos ares» fazer uma aterragem perto do palácio do soba.

Este apressa-se a receber o formosíssimo detective e a pô-lo ao corrente, por meio de um intérprete, dos factos que ali se passavam.

— Sua Ex.ª possui vastos territórios, nos quais é proibido caçar e onde an-



dam leões domesticados, propriedade também de Sua Ex.ª e Ex.ª Família. Ora, Sua Ex.ª soube, por espíões, que alguns bandidos, com o intuito de venderem as peles, não déles mas dos leões, se entretinham barbaramente a matar os desgraçados bichinhos, o que encheu de justificada indignação Sua Ex.ª preta, o Soba...

Eis os motivos do chamamento de Pantaleão.

— «Pois, sim, senhor; pode V. Magestade ficar descançadinha que lhe hei de trazer presos os tais assassinos de leões. Olaré! Ou não me chame eu Pantaleão da Silva Leão, um criado às ordens de V. Senhoria.»

— «Macundo-moeú-lé-lé-li-li-mingo-espina-viga-pum-pum!!!» exclamou, de repente, o soba Maluko, a barbar-se todo.

— «Que diz éle?» perguntou, intrigado, o detective ao intérprete.

— «Diz que bandido, com um molhi-

nho de espinafre, é um manjar digno de sobas!»

— «Livra!!!»

## CAPÍTULO II

— «Fujam, fujam!... Vem atrás de mim o Leão!...» gritava um indivíduo com cara de bandido, a dois outros com rostos não menos patibulares e que fugia a sete pés, tão depressa que desapareceu da vista dos companheiros, num ápice.

— «Que música mordera o Pepe? Tem visto tantos leões atrás dele e não se assusta com facilidade!» — disse admirado, um dos bandidos.

— «Sinto barulho naqueles lados... Deve ser ele. Ele aí está... Misericórdia!!! Estamos descobertos e perdidos!!! Não é um leão é o Leão!!!» bradaram os dois, apavorados... E, como um foguete, ou dois foguetes, desapareceram das vistas do ilustre polícia. Sim, porque era ele. Tinha, por um mero acaso, dado com o rasto dos caçadores.

— «Outra vez os apanharei!» disse com os seus botões.

E voltou para trás.

Tinha dado alguns passos, quando, de repente... catrapuz!... Havia caído

numa armadilha para leões. Com a agravante de nesta já lá estar um leão, que olhava, admirado, para o nosso herói.

— «O quê?!... O colega também aqui caiu?» exclamou o bicharoco, de repente.

E, ante a cara espantada do polícia, exclamou:

— «Sim; então o senhor não é o célebre detective Leão, que aparece até nas páginas do «Pim-Pam-Pum?»»

— «Pois sou...»

— «Então ambos somos leões e, portanto, colegas. Quere o colega dar-me uma ajudazinha para sair daqui?»

— «Pois não; com todo o gosto.»

Depois de matutarem um momento na melhor forma de se pôrem dali ao fresco, resolveram o seguinte: O leão pôr-se-ia em pé e o Pantaleão subiria para cima dele. Assim, o polícia chegaria à beira do fôssco e poderia sair. Foi o que aconteceu. Em seguida, com uma corda, ajudou a subir também o bicho que lhe agradeceu, muito comovido, a sua liberdade.

— «Sei, — disse ele — que andam aí uns vadios que nos querem arrancar a pele. Quero impedi-los que pratiquem tão infame acção e, portanto, aviso-o de que eles têm no litoral um



submarino, donde fazem as arremetidas contra nós. Espero que o meu colega não consinta mais nessa barbaridade e desde já lhe agradeço, em nome dos outros leões, o que fizer por nós. Sinto um nó na garganta que não me deixa continuar... Por isso... tenho dito...»

E afastou-se, muito dignamente, para a floresta.

## CAPÍTULO III

Entretanto, o detective ficara a pensar nas palavras do estranho leão falador:

— «... submarino... litoral... arremetidas... No seu cérebro privilegiado um plano grandioso germinara entretanto.

Apressadamente dirigiu-se ao sítio onde estava o seu avião. Aí chegou, amarrou ao mesmo uma fortíssima corrente que terminava numa âncora. Com ela dependurada, levantou vôo e dirigiu-se para o litoral.

Dentro em pouco lobrigava o submarino, que tinha a escotilha fechada e se preparava certamente para a partida.

— «Cheguei a tempo!» respirou, aliviado. E, fazendo difíceis acrobacias conseguiu prender a âncora ao submarino.

E agora (que grande aldrabice!!!) vejam: O avião a puxar... a subir... e o submarino subindo com ele!!!!!!???



## GRAÇA INFANTIL

A mãe da Lili deu-lhe duas moedas de tostão e disse-lhe:

— «Vai à mercearia. Traz um tostão de sal e um tostão de pimenta.»

Lili parte a correr, com uma moeda em cada mão.

Mas, ao chegar à mercearia, pára, olha um tostão, depois o outro, e fica pensativa, durante um ou dois minutos.

Finalmente, resolve retroceder. E, entrando em casa, pergunta:

— «Ó mãe, qual é o tostão para a pimenta? E qual é o tostão para o sal?»

## A DIVINHA

Um popular escritor  
As tinha no apelido...  
Teve-as, na cruz, o Senhor  
E tem-nas Maio florido!

## ANEDOTA

Um petiz de 6 anos teima em não aprender o alfabético. Leva palmatoadas, apanha castigos e não há maneira de dizer a letra A.

— «Ó rapaz, porque é que não que-

## PASSATEMPO

Substituindo as estrelas por letras obterão cinco nomes de raparigas:

E M A  
M A R C A B I D A  
A L B E R T I N A  
A . . . A . . .

res dizer a letra A?» — berra-lhe o pai.

— «Porque assim que eu diga a letra A, obrigam-me a aprender a letra B.»



TAVARES LINTO

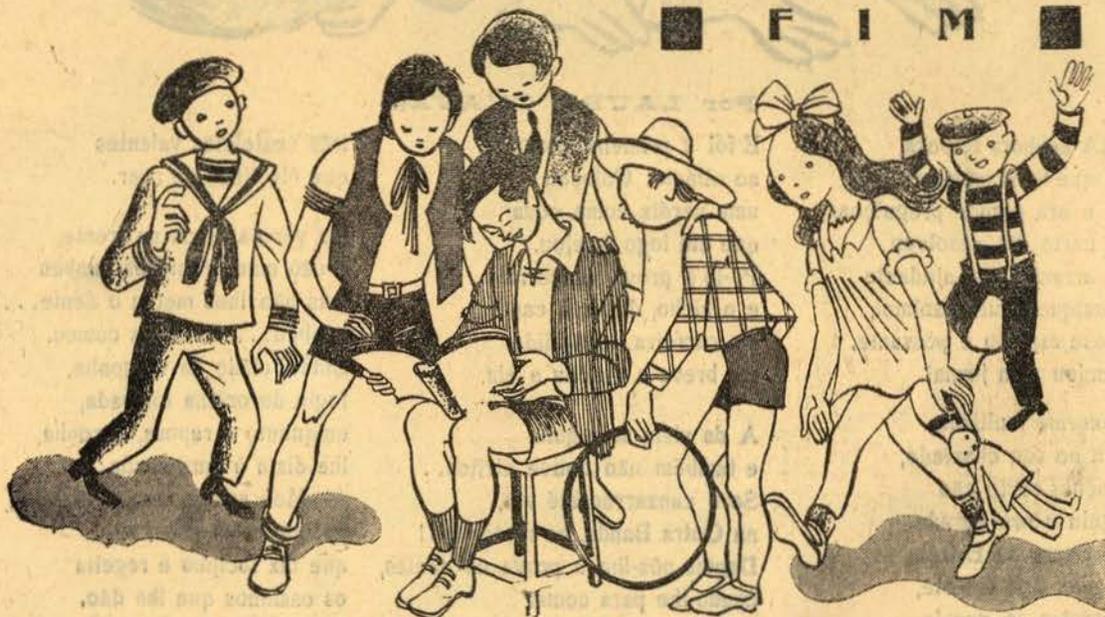
# MEMÓRIAS DO GIGANTE ARRANHA-CÉUS

(Continuado do número anterior)

Sucessivamente contratado para participar em novos filmes, dado o extraordinário sucesso obtido pelo da minha estreita, consegui, em três rápidos anos, alcançar grande fama como artista cinematográfico e uma fortuna regular, que me permitia gozar os meus rendimentos. Farto da vida trabalhosa dos estúdios, resolvi mudar de profissão e, como já tinha uma cultura sólida, em virtude do meu grande amor ao estudo, passei a dedicar-me, exclusivamente, à literatura infantil. A predilecção que eu tinha pelas crianças, cuja inocência e graça me atraíam sempre, como uma brisa do céu, contribuiu, poderosamente para esta resolução. Comecei por escrever as minhas memórias, que obtiveram grande venda nas principais cidades da Europa. Seguiram-se vários livros de contos e poesias, que eram avidamente lidos pelas crianças. O meu maior prazer consistia, agora, em me fechar na minha importante biblioteca, compondo as minhas produções, certo de as poder publicar em ricas edições, ilustradas pelos melhores desenhadores do mundo. Há poucos meses, decidi vir a Portugal, país que eu desconhecia inteiramente. Cheguei em plena Primavera. O céu muito azul, riscado pelas andorinhas, e o amontoado de casas brancas e côr de rosa, impressionaram vivamente a minha retina de poeta e de aventureiro. Desde logo me convenci de que esta encantadora cidade de Lisboa, à beira do lindo Tejo, seria um fértil campo de acção à minha actividade literária. Ao saber da existência do suplemento infantil «Pim-Pam-Pum», resolvi procurar o seu director e propôr-lhe uma assídua colaboração literária. Acolhida com entusiasmo a minha pro-



posta, aqui prometo solenemente, a todos os pequeninos leitores do simpático semanário, publicar, de quando em quando, algumas poesias e contos infantis, ao findar hoje este resumo das minhas memórias, que tão grande sucesso obtiveram no estrangeiro.



## LEGENDAS A CONCURSO

Abaixo publicamos as legendas à *História Muda*, que inserimos ao número 669 do «Pim-Pam-Pum» e que forma premladas pelo Júri. Pedimos ao seu autor, que as subscreveu com as iniciais X. Z., o favor de nos enviar o seu verdadeiro nome e morada.

O Lé, por alcunha «o moína»,  
Por ser assaz desleixado,  
É um garoto de boina,  
Com instinto depravado.

Ao ver um pobre rafeiro,  
— Como só o mal lhe interessa —  
Corre sobre ele, ligeiro,  
E uma pedra lhe arremessa.

Ganindo, o pobre cãozinho,  
De dor, se foi afastando,  
Quando um outro rapazinho,  
Por acaso, ia passando.

Alberto, cuja bondade  
De todos é conhecida,  
Que faz honra à «Mocidade»  
Cuja farda traz vestida,

Dirigindo-se ao malvado,  
A feia acção lhe verbera.  
— Respondendo o outro, irado,  
Nada ter co'o que fizera.

Ao ver um tal malcriado  
Falar-lhe fóra dos eixos,  
Revolta-se. E, indignado,  
Prega-lhe um murro nos queixos.

UM  
PESA-  
DELO  
TER-  
RIVEL

(Conti-  
nuado  
do  
número  
anter-  
rior)



ENTRETANTO, AVIOES SÃO MANDADOS CONTRA O MONSTRO



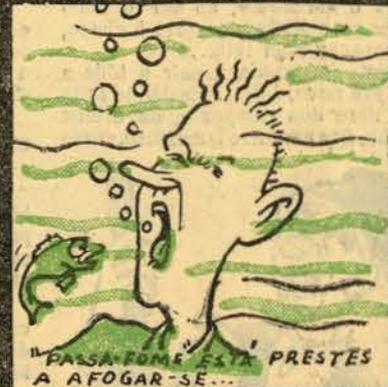
QUE, SEM SE PODER, DEFEN- DER SE DIRIGE PARA O MAR



COMEÇA MERGULHANDO...



ENTRETANTO, DEBAIXO D'A- GUA...



"PASSA-LOME ESTÁ PRESTES A AFOGAR-SE..."



EU MORRO AFOGADO! E DE REPENTE: ACORDA!

# ARAPOSA E O CÃO



Por LAURA CHAYES

UMA senhora Raposa, que tinha muito de seu, e era grande preguiçosa, certo dia, resolveu arranjar um ajudante num qualquer outro animal, que fôsse esperto e possante. E anunciou num jornal.

Uma enorme multidão, acorreu ao seu chamado, mas apenas certo cão conseguiu o seu agrado. Era da Serra da Estrela, corpulento, ágil e forte, com jarretes de gazela, animal de lindo porte.

Seria um bom companheiro para a ajudar nos seus roubos, caçador rude e matreiro, capaz de vencer os lobos, iludem as aparências, por isso, antes de o ajustar, fez várias experiências para depois o julgar.

E foi à primeira prova: ao olfacto. Colocou uma perdiz numa cova que êle logo farejou. Pô-lo à prova na corrida e o bicho, dando á canela, em carreira desmedida, em breve a venceu a ela.

A da vista se seguiu e também não houve atritos... Se o canzarrão até viu, na Outra Banda, os mosquitos! Depois pôs-lhe à prova os dentes, dando-lhe para comer

três costeletas valentes que êle tinha de roer.

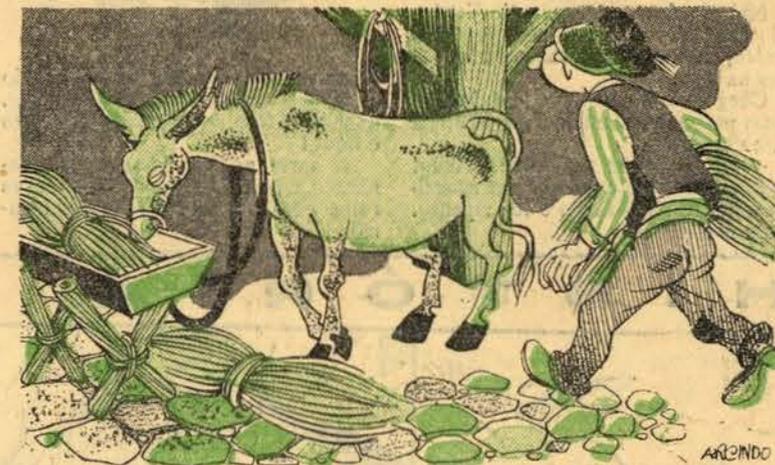
Ao ver os ossos na frente, o cão num pronto os lambeu mas não lhes meteu o dente... lambeu... e não os comeu. Então, cheio de vergonha, fugiu de orelha tombada, enquanto a raposa, a ronha, lhe dizia à gargalhada: — «Meu amigo, isso, é maleita, porque reles é o cão que faz focinho e regeita os ossinhos que lhe dão,



# O BURRO DO TIO VENÂNCIO

Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA

GRANDE amor tinha o tio Venâncio ao seu burro — o Mimoso, como êle lhe chamava. Trazia-o sempre muito bem aparelhado, bem tosquiado, dava-lhe boa palha, belo feno e o seu molhinho de cenouras



tado, para qualquer serviço. Mas era bom homem... Tinha pena de não fazer aquele favor e o caso é que o gérico andava sempre de mão em mão, a acarretar pêsos ou a servir de meio de transporte. Principalmente o compadre João



PARA COLAR Á PELÍCULA SUPERIOR

que semeara na horta, unicamente nessa intenção. Era êle o seu companheiro e ajudante.

O jumentinho é que lhe carregava as hortaliças para o mercado, lhe trazia a lenha do mato, as bilhas cheias de água da fonte, e, ainda em dias de romaria, quem o levava a trôte, estradas fóra, dando ao rabo e de orelhas em riste, como mostrando o seu contentamento por poder compartilhar da satisfação do dono, que tanto o estimava.

Por isso, o tio Venâncio dava sorte quando algum amigo lhe vinha pedir o burro empres-



TINHA SIDO O JANTAR E A CHUVA CAINDO NA CAMA QUE LHE PROVOU CARAM TAMANHO PESADELO!



FIM

AVISO... AOS ME-  
NINOS GLUTOES

quasi todos os dias lhe fazia o costumeado pedido: o empréstimo do «Mimoso». Conhecia-lhe o feitio; sabia quanto lhe custava dizer um não e daí abusava!

Ora, a verdade é que, por aquele andar, o seu «Mimoso» rebentava.

E lá ficar sem ele, seria um grande desgosto.

O tio Venâncio encheu-se de ânimo.

Quando o Zé — o filho mais velho do Compadre João — lhe veio pedir, com ar de imposição, para levar o burro por umas horas, respondeu, resolutivo:

— «Dize lá ao teu pai que hoje não pode ser... Preciso do animal!»

O garoto ficou-se espantado, estranhando a resposta tão pouco prevista, mas o tio Venâncio repetiu, ao vê-lo, parado, sem disposição para abalar: — «Anda, vai lá com o recado...»

E assim mesmo! O burro não pode ir hoje.

Tem outra coisa que fazer!»

O Zé não teve mais remédio senão de andar.

Mal ele desapareceu, o tio Venâncio entrou no cortelho, onde estava o burro, com uma mancheia de cenouras na mão.

Chegou-se ao «Mimoso» e deu-lhe duas palmadas na anca, dizendo numa voz carinhosa:

— «Hoje vais ter um dia de feriado! Não saias com o compadre, nem mesmo comigo. Ficas gozando o teu ripanso. Bem o mereces!»

Mas o «Mimoso», ao ver o dono afastar-se e fechar a porta à chave, não pareceu ficar feliz...

Estava habituado a sair a toda a hora, era novo, ágil... Fazia-lhe falta o ar livre dos campos e, de orelha murcha, deu um zurro lamentoso, como



a queixar-se daquele capricho do dono, que assim o deixava às escuras, quando, lá fora, o sol brilhava tão claro e lindo!

Na horta, ao lado da casa, o tio Venâncio, com um sacho, tirava as ervas ruins que cresciam à roda dos legumes.

— «Eh, Venâncio!... Sempre é certo o que me disse o Zé?!... Não me podes emprestar a tê burro?!» — Gritou o compadre João, não sem um certo arreganho, assomando à cancela.

De cabeça baixa, continuando o seu trabalho, o outro respondeu, casmurro:

— «Está bem de ver que é certo!»

— «Essa agora! Mas, que dianho de bicho tẽ morden?!» — (tornou o compadre, teimoso e admirado.) — Era só para me levar a herdade do Manel um fardo de palha...»

— «Já disse que precisei dele! Nem cá está! A minha Maria foi à vila... doíam-lhe as pernas... teve de ir de burro.»

Com um ar desconfiado, o compadre João não desfitava o tio Venâncio. Este cabisbaixo, ia dando as suas razões e pondo de lado as ervas que o sacho arrancava da terra.

Nisto, um zurro formidável soou... Era o «Mimoso» que, ouvindo vozes, se fazia lembrado, talvez ainda na esperança de que o viessem buscar.

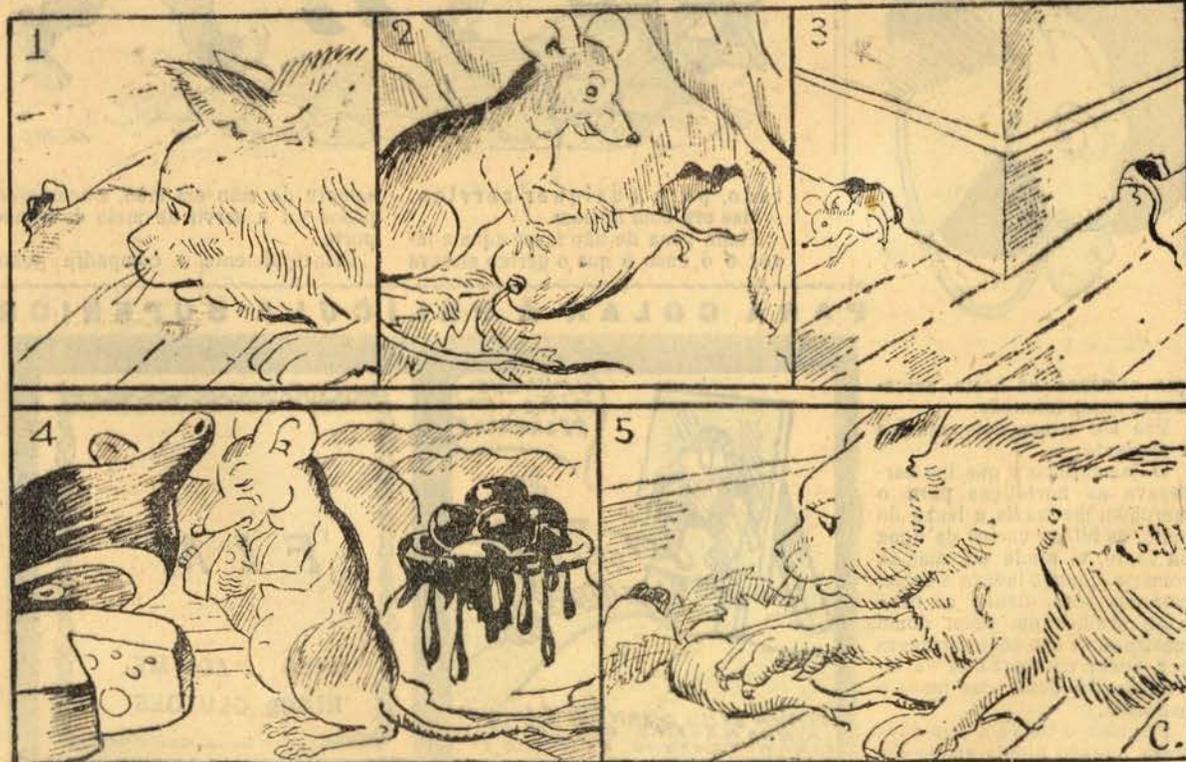
O compadre João ficou parvo!

— «Bem me parecia que me pregavas partida: O tê burro não saiu daqui, excusas de negar! Ele fez-se bem ouvir!»

Furioso, arregaçando as mangas da camisa, como na idea de desancar o amigo, o tio Venâncio redarguiu, no auge da indignação:

— «Então, o compadre dá mais crédito ao mê burro do que a mim?!»

## HISTÓRIA MUDA



Em virtude do grande interesse despertado pela «Historia muda com legendas a prémio» que publicamos no número 609, abrimos hoje um novo concurso nas mesmas condições.



# O TEATRO do PIM-PAM-PUM

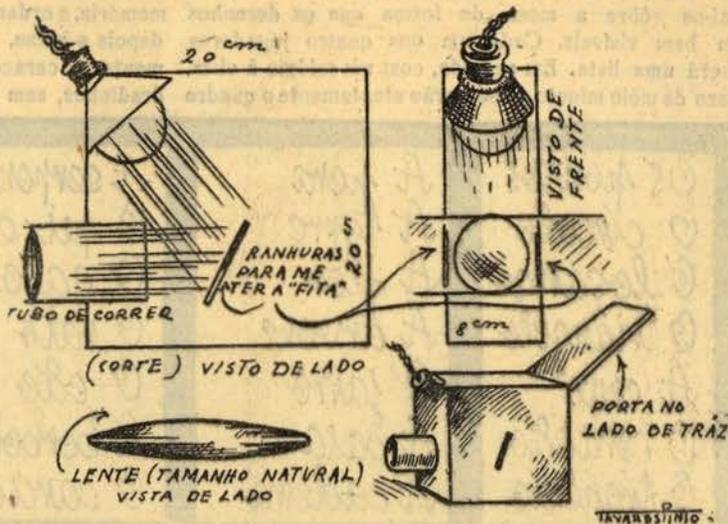
## UMA NOVA LANTERNA MÁGICA

Vamos, hoje, ensinar uma nova maneira de se construir a «lanterna mágica», na qual se podem fazer correr «fitas» impressas em papel opaco.

Para isso, é necessário seguir *rigorosamente* a disposição indicada nos esquemas, onde supomos estar suficientemente explicado, como se constroi.

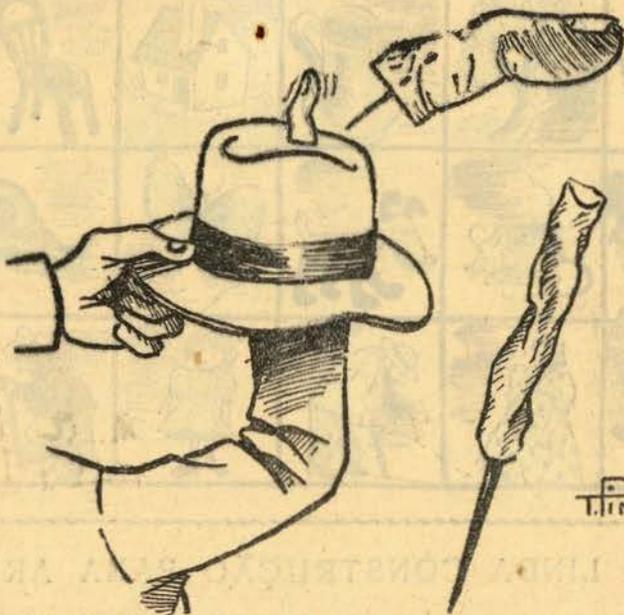
**Algumas observações:**—As ranhuras onde se metem as «fitas», devem ser enviesadas, tal como está no desenho; as «fitas» devem, para aparecerem direitas no «ecran», ser metidas na «máquina» de «pernas para o ar».

O tubo, onde está a lente, regula-se, fazendo-o correr para trás e para diante, até o desenho aparecer nítido na parede e, finalmente... mais nada!



## UMA SORTE DE PRESTIDIGITAÇÃO

### ■ O CHAPEU FURADO ■



Mais outra sorte de prestidigitação que consiste no seguinte:—Pega-se num chapéu, ou mesmo num pedaço de pano, e diz-se ao «respeitável público» que é de má qualidade pois que, «como provarei, qualquer de vós o poderá furar.»

O segredo consiste em ter uma metade de dedo, em cartão ou madeira, com uma agulha fina na ponta, que se espetá, à sucapa, no chap' u. Em seguida, com a mão que se conserva dentro deste, faz-se mover o dedo posticho, dando a perfeito ilusão de que se trata dum dedo verdadeiro.

Á falta do dedo posticho, também se pode simular que se fura com um pau, uma vela, etc.

No fim, com grande espanto do «respeitável público», mostra-se o chapéu ou o tecido sem nenhum buraco.

# O JOGO DA BOA MEMÓRIA

## PARA QUATRO JOGADORES

**Q**UAL de entre os todos os nossos amiguinhos será o mais capaz de prestar atenção? Eis aqui um jogo divertido que irá pôr à prova a vossa boa memória. Recortai, cuidadosamente, os vinte e oito quadradinhos abaixo publicados, representando sinais geométricos, animais e diversos objectos e personagens. Misturai-os e colocai-os sobre a mesa, de forma que os desenhos fiquem bem visíveis. Cada um dos quatro jogadores escolherá uma lista. Em seguida, com um relógio à vista, no prazo de meio minuto, observarão atentamente o quadro

das listas. Decorrido o meio minuto, o quadro das listas será escondido, ou, melhor, voltado, e cada jogador escolherá, entre todos os quadradinhos, os sete correspondentes à sua lista. Então, tratará de os colocar na devida ordem, segundo a inscrição na lista. Por exemplo: — aquele que tiver escolhido a lista dos animais, deverá dispôr, de memória, a ordem dos quadrados, começando pela serpente, depois o peixe, o galo, o rato, o cão, o insecto e, finalmente, o caracol. O que mais depressa dispuzer os quadradinhos, sem se enganar, ganha o jogo.

Os pontos O círculo O losango O triângulo A cruz O coração O trapézio	A pera A torre A flor A árvore O jarro A casa A cadeira	A serpente O peixe O galo O rato O cão A borboleta O caracol	O bebé O senhor O menino A senhora O velho A menina A velha			
						
						
						
						

NO PROXIMO NUMERO, A LINDA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR:  
UM BALDE PARA A PRAIA